

Director literario:
Albuquerque Campesina
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

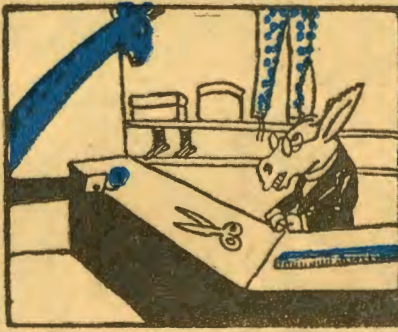
O SECULO

Director artistico:
Manoel de Almeida
PAPISSE

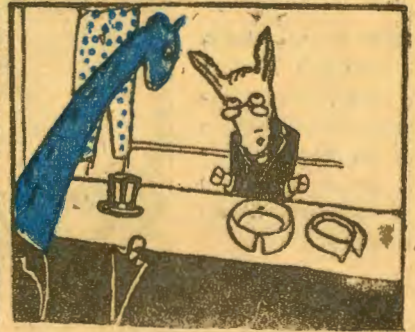
Barraca de Sandoches



Um dia certa girafa
Quis vestir de conselheiro;
Compos ao espelho a marrafa,
Para ir ao camiseiro...



Delicada e com bom modo,
Chega e pede um colarinho
Que o pescoço tape todo...
Engomado e de bom linho.



O calzeiro que era um burro
Levadinho dos diachos,
Olha... e diz num tom casmurro:
— «Todos que tenho são baixos!»



Mas nisto surge o patrão
Daquelle burro calzeiro:
Que era um grande macacão
Que só pensava em dinheiro.



Ao vêr seu grande arcabouço,
Dis com voz enternecida:
— «Abaxe lá o pescoço,
Para tirar-lhe a medida.» —



E mede um par de ceroulas
Que estavam mesmo a calhar;
Cortou-as ao meio, e pô-las
Em goma para engomar.



De colarinho e marrafa,
Meia hora decorrida,
Já toda tola, a girafa
Girava pela a avenida.



Nisto começa a chover,
Cai a goma ao colarinho,
E ela acaba por se ver
De challe à moda do Minho!



TEATRO INFANTIL



«VALENTIAS DO ZÉ PERALTA»

(Continuação do numero anterior)



SCENARIO. — Acampamento dos Bonecos de Palha. Tendas, ar-mas cruzadas, um tam-bór no chão. A' direita, lareira onde ferve um caldeirão. A' esquerda, porta.

Ao levantar o pano estão em scena, o capi-tão dos Bonecos de Palha, Tadeu, vestido de cosinheiro, que es-peulta o luma e va-rios Bonecos de Pa-lha.

ACTO SEGUNDO — (PRIMEIRO QUADRO)

1.ª SCENA

BONECOS DE PALHA

Viva! Viva!

TADEU (*levando o caldeirão com o entusiasmo*)

Viva o chefe,

Viva o nosso capitão!

CAPITÃO

Olha que eu dou-te um tabefe, Se entornas o caldeirão.

TADEU (*fugindo*)

Viva, viva, viva lá! E que viva eu também!

CAPITÃO (*perseguido-o*)

Calate burro, Não ha Maior burro. (*da-lhe um pontapé*).

TADEU (*gritando*)

Ai minha mãe!

CAPITÃO (*para os soldados*)

Podem todos retirar Para as tendas e dormir. Que quem o soube ganhar, O descanso vá fruir. Bastam duas sentineias. A' Princesa dos Amores. (*para Tadeu*)

Ó tu, que usas chinelas, Deixa ver esses primores. De cozinha, que apregoas; Que nos das para comer?

TADEU

Uma sopinha das boas, Que melhor não pode haver! Uma perna de carneiro, Com batatas e cebolas, Que a avallar pelo cheiro

Está de empenca.

CAPITÃO (*cheirando o caldeirão*)

Ora bolas! Parece que cheira a esturro; Mas cego eu seja, senão Te mandar enforcar, meu burro. Agarrem-me este ladrão!

TADEU (*fugindo, perseguido pelos soldados*)

Oh da guarda, quem me acode!

BONECOS DE PALHA

Agarra, agarra!

CAPITÃO

É bater

Nesse focinho de bode, Até o sangue apar'cer.

TADEU

Oh, da guarda, ai, ai, ai!

BONECOS DE PALHA (*batendo-lhe*)

Não te canças a gritar, Não te vale mãe nem pai! Toma, toma, has-de apanhar.

UM BONECO DE PALHA

É dar-lhe por onde calha!

CAPITÃO

E se morret, tanto monta, Pois que os bonecos de palha, Precisam lavar a afronta.

TADEU

Ai, ai, ai!

2.ª SCENA

PRINCESA DOS AMORES (*entrando seguida pela criada Joana*)

Que sucedeu? Quem é que pede socorro?

TADEU

Sou eu, Princesa, o Tadeu, Acuda, senão eu morro.

PRINCESA DOS AMORES (*implorando ao Capitão*)

Senhor!

CAPITÃO

Por hoje já chega, Já te podes ir embora.

BONECOS DE PALHA (*largam Tadeu que fica chorando alto*)

JOANA (*para Tadeu*)

Vamos Tadeu, assocega; Vai, agradece à Senhora Princesa por te salvar.

CAPITÃO

E agradece tanto mais Que ao inferne ias parar Ou lá ao ceu dos pardaís Se o não tivesse impedido A Princesa dos Amores. Mas vê lá, toma sentido. Que depois sores as dores. (*para a Princesa*)

Senhora, feliz momento Foi este, p'ra vos mostrar Que pode ter sentimento Quem sempre anda a batalhar. Recompensa não vos peço Do acto que pratiquei. Pois, como eu vos estremeço, Por vós eu tudo farei. Sede, porem generosa: Sentai-vos á minha mesa, Acedei ser minha esposa.

PRINCESA DOS AMORES (*altiva*)

Esqueceis que sou princesa, A Princesa dos Amores. E' demais a ousadia!

Guardai os vossos favores Para melhor companhia.

CAPITÃO

Sóis Princesa e eu Capitão!

PRINCESA DOS AMORES (*desdenhosa*)

Um capitão de ladrões, Um homem sem coração!

CAPITÃO (*altivo*)

Um homem que nos salbes Da nobreza foi notado Por ser gentil e garboso E nunca foi suplantado No fado do Vimioso! Não agrada ao vosso orgulho Acreditar no que digo?

PRINCESA DOS AMORES

Só podeis causar-me engulho (*para a criada*)

Vem, Joana, vem comigo...

CAPITÃO (*impedindo-a de sair*)

Não façais com que eu esqueça O respeito que vos tenho! Um momento, menos pressa, Por que tenho certo empenho, De vos mostrar que não minto! Que sois gentil bailarina, Corre a fama, e eu presinto Que tão prendada menina Deve dançar a primôr; Dansái comigo, Princesa, Dái-me essa honra, é favor.

PRINCESA DOS AMORES

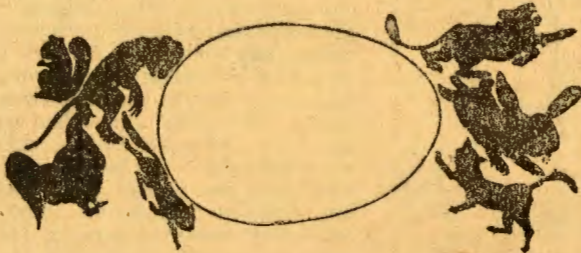
Não vê a vossa espreteza Que vos tenho antipatia, Que tudo que vem de vós, Me causa horror e arripia?

HORA do RECREIO

O ovo mágico

Problema

Temos aqui sete silhuetas de animais que se destinam a ser recortados afim de se collocarem dentro do ovo, de forma a que o encham por completo sem que se sobreponham. Pelo vulto dos bichos parecerá impossível que tal se consiga mas a surpresa será grande vendo-se o resultado que publicaremos no proximo numero. Entre-

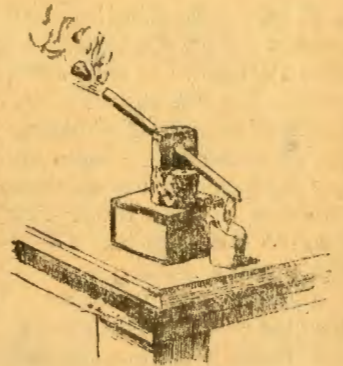


tanto vão os leitores tentando resolver o problema para o que aconselhamos a que passem o desenho a um papel transparente, se quiserem conservar inteira, a futura coleção do Pim-Pam-Pum.

Um canhão a vapor

A tensão do vapor d'agua é tão consideravel que, para prova-lo, facilmente se pode executar a seguinte experiencia:

Encha-se de agua até um terço da sua altura, um pequeno tubo de ferro fechado n'um dos extremos. No extremo aberto crava se uma batata e assim se obterá um tampão hermetico. D'este modo teremos um canhão carregado e pronto a fazer sentir os seus mortiferos efeitos. Só lhe falta a coronha que se faz com uma rolha, collocando-a como se vê na gravura. A parte do tubo que contém a agua, põe-se ao calor de uma vela ou de uma lamparina de alcool. Momentos depois ouvir-se-ha uma detonação em virtude de se haver disparado o canhão, lançando ao ar o projectil ao impulso do vapor formado no interior do tubo.



Adivinhas

1.º

Qual a coisa, qual é ela...
Sem a qual ninguém vivia,
E que enche a garrafa toda,
Deixando-a ficar vazia?

2.º

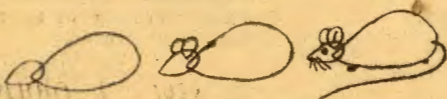
Qual o bicho, qual é ele...
Que ha na cidade e nos campos,
Que de dia tem dois olhos
E á noite dois pirilampos?

3.º

Qual a coisa, qual é ela...
Que ha nos meninos espertos,
Que vê bem d'olhos fechados
E peor d'olhos abertos?

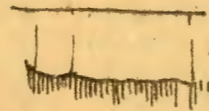
No proximo numero mais adivinhas e as decifrações d'estas.

LIÇÕES DE desenho



Como se faz um ratinho.

Papim papando



O Papim papa a Papinha,
Papa-a ao pé do Papá,
Papinha, papa de pão;
Se o Papim não papa a papa,
O Papão papa o Papim!
E o Papim já papa a papa,
P'ra que o não pape o Papão!

Augusto de Santa Rita

No proximo numero aventuras de Pim de Pam e de Pum

DATAS CELEBRES

Meus meninos:

E' hoje o dia primeiro de Dezembro: — um dia celebre. Faz anos Portugal. Faz anos a loira menina que é a nossa Patria. E que linda menina! D'olhos azues que é nosso céu, cabelo loiro que é o nosso sol e côr morena que é a nossa terra. Tinha morrido mas ressuscitou — tornou a nascer.

Morrera nas mãos de um príncipe chamado D. Sebastião, que muito a estremecia, numa certa batalha contra os mouros em Alcacer-Kibir, e ressuscitou ás mãos de quarenta fidalgos portuguezes que, n'uma linda manhã no ano de 1640, assassinaram os Paços da Ribeira onde Miguel de Vasconcelos, portuguez inimigo de portuguezes, traidor á sua patria, representava o dominio hespanhol. Era então Portugal considerado uma simples provincia de Hespanha

O rei de Castela que era então D. Filipe IV de Hespanha e III de Portugal, tinha no reino portuguez, como regente, a Duqueza de Mantua que por ordem do rei lançava sobre os portuguezes pesados impostos e contribuições, tratando-os como uma má madrasta trata os seus entiaados.

Tantos foram os maus tratos que nessa linda manhã do dia 1 de Dezembro, cheios de fé patriótica, armados e equipados, os quarenta fidalgos portuguezes invadiram os tais Paços da Ribeira e atiraram pela janela fóra, depois de o matarem, Miguel de Vasconcelos, ministro da Duqueza, proclamando a Independencia de Portugal e aclamando rei D. João IV—Duque de Bragança—que tinha sangue real e vivia em Vila Viçosa, num lindo solar, com sua esposa que muito contri-

A SEMANA DO COLISEU



Desenhos do natural por Papuse
Alguns artistas actualmente em scena
no Coliseu dos Recreios

UMA DEFINIÇÃO



- Tu sabes para que são as revoluções?
- ?!...
- São para anunciar o Pim Pam Pum.
- Póde lá ser?...
- Olé se são. As espingardas fazem Pim, as peças fazem Pam e as bombas fazem Pum.

buiu para o triunfo da revolta, incitando D. João a chefiar a conjura, com esta frase celebre que ficou na Historia:

— Antes Rainha uma hora, que Duqueza toda a vida!

A. de S. R.

TERRAS DE LONGE E DE PERTO

Aveiro

Dizem que é a Veneza de Portugal.

A ria é a rua principal de Aveiro, atravessada por algumas pontes e sulcada por numerosos barcos que resvalam silenciosamente pelo espelho tranquilo das aguas, porque não têm remos. A vela e a vara são os unicos propulsores dessas pequenas embarcações. Das janelas das casas que orlam os cães, vêm-se nadar como cisnes esses barcos de velas brancas, que se dirigem para o mar, ou que voltam, e não ha nada mais encantador do que essa rua liquida, que põe a sua nota fresca e unisona no tom, um pouco pálido, de uma cidade de provincia. Percorrem-se ruas banais, orladas de casas sem caracter, e encontra-se de subito diante dos olhos essa toalha de agua fremente e radiante com as caricias da luz e do vento. Continua-se o passeio, e sempre, ao voltar uma esquina, ao desembocar numa praça, se dá com a ria, e não se pôde imaginar a sensação original que se experimenta, quando se vê entre duas chaminés o branco perfil de uma vela, entre duas casas muito negras um lampejo azul dessa estuario em que as aguas do Vouga se misturam com as do Oceano. Aveiro é capital dum pequeno districto, e pôde ter os seus sete mil habitantes. E' uma cidade um pouco melancolica. O mar imenso e rugidor e o regato que tagarêla entre os canaviais da margem, o lago que estende, por baixo do céu, como um vasto espelho a sua toalha tranquila e azul, a fonte escondida entre as folhas e cujo murmuro plangente vagamente se escuta, tudo isto inspira uma profunda melancolia, tudo isto faz scismar, não é assim? Pois facilmente o acreditam se eu lhes disser que essa toalha d'agua, no meio da pequena cidade de Aveiro, dá-lhe o cunho de doce tristeza e de melancolica formosura, que se não espera quando nos apeamos do caminho de ferro na estação de Aveiro, toda vibrante com os pregões das bonitas vendedeiras, que nos oferecem os saborosos e afamados mexilhões.

Pinheiro Chagas



O PAPAGAIO AZUL

Em tempos que já passaram, havia duas terras pegadas, aonde reinavam dois reis, muito diferentes um do outro. Um, o do país maior e mais rico, era barbudo, feio e mau para todos. O outro, o do país mais pequeno, bonito mas menos rico, com casas pequeninas e muitas arvores grandes, era um rei amigo de fazer bem, tão divertido e bom que lhe chamavam o Rei Alegre. Ora acontecia, que estas duas terras andavam em guerra ha mais de trezentos anos bem contados. Os soldados do Rei Barbudo eram dez vezes mais e muito mais altos e fortes, mas mesmo assim não levavam a melhor. O Rei Alegre tinha um filho chamado o Príncipe Bemlindo, que nascera com uma estrelinha verde na palma da mão direita. Essa estrelinha dava uma luz tão brilhante, que quando ele abria a mão, toda a gente tinha que fechar os olhos. Por essa razão, o Príncipe Bemlindo, costumava ir em cima de um elefante, á frente dos seus guerreiros, com a mão aberta de maneira que os soldados do Rei Barbudo tinham de olhar para a estrelinha verde e, logo ficavam como óegos. Nesse momento o Rei Alegre mandava avançar as tropas e matando os inimigos, assim vencía as batalhas.



Para eu voltar a ser Princesa e ir para a terra dos meus queridos País, era preciso que tu, Príncipe Bemlindo, tapasses a estrela que tens na mão, muito bem, para que ninguém a visse. Depois, vestido de pobresinho, ires á meia noite ao jardim do Rei Barbudo, colher três laranjas. A primeira para tu comeres, a segunda para para deitares no rio, e a terceira, para partires em quatro partes, que plantarás em cada canteiro do jardim.—O Príncipe Bemlindo, que não desconfiou do papagaio, foi logo fazer o que tinha prometido. Saiu do Palacio sem fazer barulho e depois de passar três flo-

restas muito fechadas e quatro montes muito altos, sem encontrar ninguém, foi dar ao jardim do Rei Barbudo. Entrou pela porta do jardim que estava aberta de proposito. Batiam doze badaladas na torre do Palacio, quando o Príncipe colheu as três laranjas. Mal tinha acabado de fazer o que o papagaio lhe pedira, sentiu que lhe faltavam as forças e caiu no chão como morto. Ouviu-se o Rei Barbudo a rir muito e a esfregar as mãos de contente; e, a Gata Negra, pegou no Príncipe por uma perna e, de rastos, levou-o para a cave do Palacio. Ali, meteu-lhe pela boca uma agua que só ela tinha, e o Príncipe Bemlindo ficou logo feito num cáosinho branco. O Rei Alegre e o seu povo ao darem pela falta do Príncipe, mandaram correr todas as florestas com archotes, perguntaram por ele aos caminheiros das estradas, aos pastores dos montes e aos barqueiros do rio. Como não viessem boas novas, o Rei mandou oferecer dinheiro e ricos presentes a quem encontrasse o Príncipe Bemlindo. A gente fidalga que acompanha sempre o Rei, e a que se chama a corte, vestiu-se de luto e todo o povo chorava a bom chorar. Foi por essa ocasião que o Rei Barbudo começou a ganhar as batalhas todas. Livres da Estrelinha Verde, já os seus soldados, muito maus, entravam nas ter-



O REI ALEGRE

Um dia o Rei Barbudo ouviu falar numa bruxa chamada a Gata Negra, que morava num monte muito longe, e que era tão má como ele. O Rei montou a cavalo e depois de ter cavalgado três dias e três noites, sem descansar, foi dar com a casota da bruxa. Sentaram-se os dois no cahinho mais escuro e combinaram encantar o Príncipe. Arranjaram um papagaio azul que falava e que fazia tudo o que a bruxa queria. Mandaram-no bater á janela do quarto do Príncipe Bemlindo. Quando ele abriu a janela e ficou muito contente de ver um papagaio da cor do céu, o papagaio em cima duma arvore, começou a chorar e a dizer que era uma príncezinha encantada pelo Rei Barbudo e que vinha pedir-lhe para a desencantar.

O Príncipe ficou muito satisfeito de pôr a sua vida e a sua bravura ao dispor duma Princesa desconhecida, e jurou-lhe que fazia o que ela mandasse. Então, o papagaio, entre soluços, disse o que lhe tinham ensinado:—



O REI BARBUDO
(Acaba na 6.ª pagina)

ras do Rei Alegre, roubando as casas, cortando a cabeça aos homens, ás mulheres e aos meninos que encontravam. O Rei Alegre, agora muito triste, com pena das



● PAPAGAIO AZUL

suas terras e povos que tinha de deixar e com saudades do Filho, começou a não comer e a passar, noites e dias, a chorar no seu quarto. Quando viu tudo perdido, mandou toda a gente pitar as casas de preto e foi sósinho, para uma floresta cheia de bichos maus, para ser comido por eles. Estava encostado a uma árvore, com a cabeça entre as mãos e os olhos fechados, quando ouviu uma voz que lhe dava os bons dias. Olhou para todos os lados e não viu ninguém. Olhou para cima e ficou muito admirado de ver um papagaio azul. O papagaio desceu dos ramos e, raivoso porque a bruxa lhe tinha batido com um pau, disse ao Rei tudo o que era preciso fazer para desencantar o Príncipe Bemlindo. O Rei Alegre, doido de contente, agradeceu ao papagaio e perguntou-lhe se queria alguma coisa. O papagaio disse que gostava de ir com o Rei, porque se a Gata Negra adivinhasse o que ele tinha dito, o mataria. Nisto apareceram dois leões, com grandes bocas abertas para comerem o Rei e mais o papagaio. Mas o Rei Alegre pegou na espada e, com as forças que a alegria lhe emprestava, desatou a bater na cabeça dos leões e, em pouco tempo, os matou. Depois de limpar a espada a umas ervas crescidas, olhou para o lado e viu o papagaio a pular e a cantar de contenté. Perguntou-lhe porque pulava tanto e o papagaio apontou-lhe os leões com a patinha. O Rei Alegre, como era tarde e já se via pouco, chegou-se mais a eles e qual não foi o seu espanto quando viu, em lugar dos leões, o Rei Barbudo e mais a bruxa mortos. E' que a Gata Negra adivinhara o que o papagaio dissera ao Rei, e o lugar donde estavam. E, combinou com Rei Barbudo irem transformados em leões e comerem os dois que estavam sósinhos e longe de toda a gente.

O Rei Alegre e mais o papagaio, puzeram-se a caminho do Palácio, mais alegres do que nunca. Mal contaram o que se passou na Floresta, toda a gente Fidalga que acompanha o Rei, se foi vestir de claro. Todas as casas foram pintadas de branco

e de côres vivas, e, nas ruas pouco antes tristes e sem barulho, todo o povo se divertia e cantava. O Rei não descansou enquanto se não viu no jardim do Rei Barbudo.

Batiam as doze badaladas na torre do Palácio, quando o Rei Alegre, vestido de pobresinho, com o papagaio no ombro direito, colheu as três laranjas. Comeu a primeira laranja, foi deitar a segunda a um rio que corria perto, e mal acabava de enterrar a ultima quarta parte da terceira laranja, apareceu um cãozinho branco, que veio lambar as mãos ao Rei. O papagaio logo que viu o cãozinho branco desatou a voar, sem dizer nada. O Rei ficou muito triste por ver que em lugar do Príncipe lhe aparecia um cãozinho e de tão cansado que estava, adormeceu. Quando acordou ficou espantado de alegria; tinha ao seu lado o Príncipe Bemlindo, e uma Princesa de olhos da cor do mar e cabelos da cor do sol. Então, a Princesa, ao ver o espanto e o contentamento do Rei, contou-lhe o que tinha acontecido.

Passados uns minutos do Rei Alegre adormecer, o papagaio azul chegava da casota da bruxa, com um frasquinho no bico, cheio daquela agua que só ela tinha. Pincou na rolha até a desfazer, despejou a agua na cova duma pedra e esperou que o cãozinho branco bebesse. Logo que a ultima gota foi bebida, o cãozinho branco ficou transformado no Príncipe Bemlindo.



A GATA NEGRA

O Príncipe, agradecido, beijou o papagaio e nesse momento o papagaio azul ficou numa Princesa loira. E' que a bruxa ao encantar a Princesa tinha dito:—Ficarás num papagaio da cor do céu, até que eu morra e alguém de sangue real como tu, te dê um beijo. Quando a Princesa acabou de contar o que se tinha passado, depois de se beijarem muito e terem chorado de satisfeitos, puzeram-se a caminho. Quando chegaram ao Palácio iam todos morrendo de alegria. Houve muitas festas e banquetes e passados dias a Princesa, que se chamava Bem-me-quer, casou com o Príncipe Bemlindo.

Ainda agora devem andar em festa. Como o Rei Barbudo não tinha filhos, acabaram as guerras, que duravam ha trezentos anos bem contados.

EDUARDO MALTA.



F I M

PERGUNTAS E RESPOSTAS

I

— Qual é o animal mais feliz do Mundo?

— É o caracol... porque não paga renda de casa.

II

— Qual é o animal que os sapateiros mais devem detestar?

— É a cobra; como não tem pés, não precisa comprar sapatos.

III

O professor de Pim um dia perguntou-lhe:

— Diga-me, menino Pim, o que sabe ácerca do Mar Morto?

Pim atrapalhado, coçando na cabeça:

— Oh, diacho! Se eu nem sabia que ele tinha estado doente!

IV

Pam sofre ás vezes de horriveis dores de dentes.

V

Por isso seu pai resolve levar-o ao dentista. Pam sobe a escada a tremer de medo, porque tem ouvido dizer que os dentistas fazem sempre doer. Bateu á porta uma, duas, três vezes e, como ninguem responde, Pam diz n'um desabafo, como se lhe tivessem tirado dos hombros um grande pezo:

Papá vamos embora; naturalmente morreu.

Pum, pergunta a seu tio que vem muito embrulhado n'uma manta e traz o nariz muito vermelho:

— O tio está constipado, não está?

Resposta do tio que é quasi surdo como uma porta:

— Não, meu Pumsinho; estou mas é muito constipado!

HORA do RECREIO

O ovo mágico

SOLUÇÃO



Conforme prometemos no nosso numero anterior, damos hoje a solução do problema á primeira vista complicado, mas mais facil, afinal, do que o do proprio ovo de Colombo.

O retrato animado

É esta uma das mais interessantes ilusões d'optica que se têm obtido.

Fixe-se a vista durante meio minuto nos olhos fechados do homem barbudo que representa a gravura, e, decorrido este espaço de tempo, pouco mais ou menos, notar-se-ha, com surpresa, que abriu os olhos e olha fixamente o leitor.

A causa d'isto é, sem duvida, a sombra que o desenhador espalhou sobre o rosto e principalmente sobre os olhos.



Conselhos para os pequeninos

(Inedito)

Meu filho, nunca te esqueças
De orar por todos os teus.
Sempre, antes que adormeças,
Encomenda-os a Deus.

Ao pobresinho esfaimado
Dá metade do teu pão.
Que apesar de desgraçado
Tambem ele é teu irmão.

Lembra-te sempre, menino,
De rezar por tua mãe,
E p'lo teu pai, pequenino,
Que não te esqueças tambem.

Nunca rias da desgraça
Que não tem nada de seu.
Na miséria que além passa
Há muita bençãam do Céu.

Os teus pais, rosada flôr,
Querem-te com devoção.
Paga-lhes tu com amor,
O que em carinhos te dão,

Reza a Deus p'los pobresinhos
Que só conhecem espinhos
Desta vida mentirosa,
Minha almasinha de fãda,
Estrelinha da alvorada,
Meu botãosinho de rosa!

Não sejas mau na riqueza
Se a fortuna te conduz,
Que o pecado da avareza
Magôa muito a Jesús.

Lisboa, 18-11-925

Marta Helena

Adivinhas

1.ª

Qual a coisa, qual é ela,
— (Benção do vale e da serra) —
Que sobe do mar ao Céu,
E baixa do Céu á Terra?!

2.ª

Traz a noite em seu vestido,
E olhós roxos de chorar,
Mas se está em seu poleiro
Tambem gosta de cantar?!

3.ª

Branquinha sobre o mar vai,
Inchada sobre o mar vem;
Quem não dorme acha a palavra
Que boa luz dá tambem.

II LIÇÃO de DESENHO



Como se faz uma boneca

Decifrações das anteriores:

— 1.ª — Ar.

— 2.ª — Gato.

— 3.ª — Imaginação.



O MAR É NOSSO AMIGO

Musica de IVO CRUZ

MODERADO

The musical score is written for piano and consists of six systems, each with a treble and bass staff. The time signature is 3/8. The first system begins with a dynamic marking of *p* (piano). The second system includes a *mf* (mezzo-forte) marking. The third system starts with a *p* marking. The score concludes with a *Pedal* instruction and a dotted line indicating the duration of the pedal effect.